



Agricultura Familiar e Infância: duas gerações e as experiências de trabalho em São Paulo da Valéria – AM¹

Nadma Oliveira de Azevedo²
Francisco Jorge dos Santos³

RESUMO

O presente estudo faz parte de uma dissertação de mestrado na área de Sociedade e Cultura na Amazônia, desenvolvida na Comunidade Rural São Paulo da Valéria, localizada no interior de Parintins – AM no ano de 2017. Tem por objetivo promover a discussão sobre as experiências de trabalho na geração dos pais e na geração dos filhos, pontuando a infância e a sua relação com o trabalho agrícola dentro da agricultura familiar e o seu reflexo na educação da geração atual, destacando suas brincadeiras, seus desejos e sua experiência com o trabalho na roça. A pesquisa materializou-se por meio da coleta de dados realizada a partir da pesquisa de campo com observação direta. Para isto foi utilizado o diário de campo que é um importante instrumento de pesquisa para o registro das observações e entrevistas feitas durante a pesquisa. Foram realizadas entrevistas informais com os pais e com os filhos que residem na comunidade, *lócus* da pesquisa. O estudo nos revelou que a infância das crianças de São Paulo da Valéria – AM e suas experiências com o trabalho caminham muito próximas. O seu primeiro contato com a roça é através da brincadeira, aonde de início vão por achar divertido, pela companhia dos demais, pela ajuda aos pais. Ao se espelhar nestas observações, verificamos que a realidade vivida pelas crianças da comunidade hoje não se distancia muito daquilo que seus pais viveram quando crianças no sentido de terem a sua primeira experiência de trabalho desde muito cedo.

PALAVRA-CHAVE: Infância; Agricultura familiar; Experiências Trabalho.

AGRICUTURA FAMILIAR EM SÃO PAULO DA VALÉRIA – AM

A agricultura familiar tem um lugar importante na vida das famílias da região amazônica, tanto na economia quanto para manutenção da vida. Os cultivos agrícolas feitos em roças distantes, chamadas por eles de “centros ou capoeiras” ou nos balcões suspensos⁴ e quintais, envolvem o uso de diversos recursos naturais, em sua grande

¹ Trabalho apresentado no GT 13 (Gênero, Agroecologia e Agricultura Familiar) do III Siscultura.

² Mestra em Sociedade Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Email: nadmaazevedo@hotmail.com

³ Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professor associado Classe MS-D de Nível I da Universidade Federal do Amazonas. Email: fj-santos@ufam.edu.br

⁴ Estruturas suspensas feitas em madeira ou de canoas que não servem mais como meio de transporte e são utilizados como local para plantação de hortaliças.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



maioria tendo como principal objetivo a subsistência familiar, baseando-se na mão de obra da própria família, envolvendo a todos, tanto crianças como adultos.

Os cultivos são, para a maioria, produzidos para serem consumidas, raramente é comercializado. As formas de organização e estratégias utilizadas pelas famílias das comunidades rurais desta região fazem parte da agricultura chamada familiar, modelo bastante comentado quando trata-se da região amazônica.

“A agricultura familiar na Amazônia caracteriza-se como uma importante forma de organização de produção que associa família produção e trabalho nos diversos ambientes de produção terrestre e aquáticos” (FRAXE, PEREIRA e WITKOSKI, 2007. p.56).

De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e o Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO (1996), a Agricultura Familiar caracteriza-se a partir de três pontos centrais: a) gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantém entre si laços de sangue ou de casamento; b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; e, c) a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva.

Podemos dizer então que o agricultor familiar é aquele que estabelece como base a relação entre terra, trabalho e família e que é justamente a relação entre estes três fatores que diferenciam a agricultura familiar das outras formas de agricultura. Lamarche (1997) reforça que o produtor na agricultura familiar é aquele que exerce uma atividade produtiva numa unidade de produção agrícola familiar, o que se traduz em uma atividade desenvolvida com uma ligação com a família.

O autor destaca ainda que no Brasil existe a predominância de dois modelos de agricultura: agricultura camponesa de subsistência e agricultura familiar moderna. Nos dois modelos, ressalva a predominância da mão de obra familiar enquanto estratégica. O autor entende que agricultura familiar é formada por uma diversidade de situações nas quais opera a lógica familiar, evidenciado uma rica heterogeneidade e uma enorme

capacidade de adaptação das explorações de tipo familiar em diversos países (LAMARCHE, 1997).

Os agricultores familiares "são portadores de uma tradição cujos fundamentos são dados pela centralidade da família, pelas formas de produzir e pelo modo de vida, mas devem adaptar-se às condições modernas de produzir e de viver em sociedade" (WANDERLEY 2003, p. 47-48).

Em comunidades rurais amazônicas a agricultura familiar é bastante comum e tem sido muito importante no que se refere ao principal meio de subsistência das famílias. Para Fraxe; Pereira e Witkoski (2007):

A origem da agricultura familiar amazônica está diretamente ligada aos indígenas, primeiros habitantes da região. Como conhecedores e detentores de uma rica herança sociocultural, estes povos foram e são incorporados aos novos grupos sociais que estabelecem através do processo de ocupação da Amazônia (FRAXE; PEREIRA e WITKOSKI, 2007. P58).

As técnicas de preparar a terra para receber as sementes, de tratar da plantação, o tempo para colheita e os processos utilizados para preparar os alimentos utilizados pelas famílias ainda seguem os modelos rudimentares. Pouco ou quase nenhum auxílio de tecnologia foi introduzido nos processos. O ciclo dos rios e as fases da lua também servem de orientação para as famílias cultivarem. Além disso, os sistemas agroflorestais também delineiam o uso da terra, os manejos e as formas de cultivos.

A agricultura familiar no Amazonas está baseada em Sistemas Agroflorestais diversificados segundo os quais ao delineados os mecanismos, as habilidades e as técnicas necessárias para o uso e manejo da diversidade dos recursos naturais. Esses sistemas asseguram e estabelecem os contornos das formas de produção e de consumo dos bens necessários à reprodução socioeconômica e cultural das unidades familiares de produção (FRAXE; PEREREIRA e WITKOSKI, 2007, p. 55).

“Os sistemas agroflorestais tradicionais na Amazônia são constituídos por cinco componentes produtivos que são: roça, capoeira, quintal, extrativismo vegetal e animal e a criação animal (NODA et al., 2002)” (FRAXE; PEREIRA e WITKOSKI, 2007. p.59).



Na comunidade São Paulo da Valéria-AM as famílias vivem basicamente da agricultura familiar, da pesca e caça, sendo esta realizada para consumo próprio e para o comércio de forma esporádica. Participam do processo todos da família, as crianças acompanham os pais em todas as atividades. A agricultura familiar pode então ser utilizada para definir a forma como as famílias da comunidade se organizam para produzir seus cultivos agrícolas, pois estes estabelecem uma relação entre a terra, a família e o trabalho, sendo estes os componentes principais na hora da produção.

INFÂNCIA E AGRICULTURA FAMILIAR: AS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO EM DUAS GERAÇÕES

A infância é construída a partir dos momentos vividos, seja na família, na comunidade ou na escola através de experiências vividas no cotidiano. A infância também é construída a partir das imagens e representações produzidas pelos adultos que circundam o dia a dia da criança, isso inclui as atividades desenvolvidas, as crenças, o modo de falar, entre outras coisas. Neil Postman (1999) afirma que a infância é uma invenção moderna e que esse sentimento de infância que sofreu diferenciações históricas, políticas, culturais e sociais foi introduzido no imaginário de todos até os dias atuais que, de certa forma, baliza as concepções de infância.

Os agricultores familiares entrevistados em São Paulo da Valéria – AM educam seus filhos baseando-se no que lhes foi transmitido pelas gerações passadas, e nem sempre estão de acordo com as novas exigências legais quanto às novas formas de educar seus filhos. Na atualidade vêm sendo construídos novos modelos de sociabilidade nas novas gerações, que apesar de muitas mudanças nas práticas, comportamentos e representações da infância no meio rural, os pais, procuram manter as bases educacionais que aprenderam em suas vidas, acreditando ser o correto a partir das experiências acumuladas e transmitidas através de gerações. No entanto, os próprios pais percebem que a geração dos filhos está submetida a um novo estilo de vida, em decorrência de esforços legais e da institucionalização de políticas públicas que tendem a questionar e impor limite ao processo de socialização familiar, por



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



exemplo: proibir o trabalho infantil, assim como, proibir que os pais efetuem os “tradicionais corretivos” por meio de medidas coercitivas.

Embora haja um esforço de se buscar meios para que comportamento e práticas sejam alterados, nas áreas rurais os pais acreditam naquilo que aprenderam e que isso é correto para ser repassado aos filhos. Assim, surgem algumas indagações como por exemplo: como articular os direitos das crianças estabelecidos pela legislação vigente, com a agricultura familiar, que é fundada na organização do trabalho onde pais, mães e filhos são elementos fundamentais para a reprodução do sistema agrícola familiar? Será que os mecanismos utilizados na agricultura familiar influenciam nas formas particulares de formação de novos agricultores, de organização interna do trabalho e, conseqüentemente, trazem mudanças nos processos educacionais dos filhos?

O fato de se encontrar crianças como integrantes da força de trabalho, muitas vezes, é interpretado como um processo relacionado à formação de nova geração de agricultores familiares, uma forma de transmitir o modo de viver de seus antecessores. Também é preciso notar que o fato de a criança participar na agricultura familiar é percebido como algo natural, ou seja, os pais acreditam ser uma prática educativa e socializadora e preparatória para os filhos. No entanto é preciso que essa a “ajuda” dada aos pais com sua participação na agricultura, não ultrapasse certos limites que impeça as crianças de viverem como crianças: brincando, estudando e conhecendo o universo da imaginação, bem como de aprender a ser criança na relação com outras crianças.

Atualmente as crianças do meio rural participam tanto dos trabalhos nas lavouras, quanto em casa, mas nem por isso deixam de vivenciar atividades de lazer ou de ir à escola formal. Culturalmente, o trabalho detém expressivo valor para a educação da criança assim, os pais diante das experiências de suas infâncias e das infâncias de seus filhos, acreditam que este processo seja uma maneira de formação pessoal de cada integrante da família e acúmulo de conhecimentos necessários à vida, os quais se aprendem fazendo no dia a dia, ao lado de seus pais e familiares adultos.

Observamos que em São Paulo da Valéria, nem mesmo a imposição de restrições que chegam por meio do aparato legal e das políticas públicas de controle do trabalho infantil impede os pais de transmitir seus conhecimentos e modos de vida, que



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



liga o saber de hoje às gerações futuras. Assim, o desejo de querer para os seus filhos um futuro diferente ao que vivem no presente, estes homens e mulheres incentivam seus filhos a estudarem, a fim de que obtenham, tanto no presente quanto no futuro, uma vida digna, tranquila, porém voltada aos saberes fundamentais de suas raízes, que é a vida no campo. Assim não deixam de ensinar, de forma prática, levando os filhos para a roça, levando para o rio para pescar, para a mata para caçar ou mesmo ficando em casa e auxiliando a mãe nas atividades domésticas.

Através das entrevistas ouvimos das crianças depoimentos sobre a sua infância, sobre o que gostam de fazer, brincar e o que desejam para seu futuro:

Eu brinco de manja⁵, futebol, gosto de pescar às vezes com malhadeira. Eu aprendi só vendo meu tio. Eu pulo n'água, subo em árvore (Depoimento de Papagaio, 09 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Eu vou à cachoeira, pulo n'água e brinco de manja, jogo bola no campinho aqui de baixo. Eu gosto de plantar maniva também, é divertido (Depoimento de Japiim, 11 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Eu gosto de brincar de bola, plantar macaxeira, planto jerimum. Brinco de manja coca, de subir nas árvores se balançar e pular n'água. Eu gosto de estudar também. (Depoimento de Carcará, 09 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Eu gosto de brincar de manja, de bola, queimada. Eu brinco na roça também, brinco de gemerson⁶, subo em árvores, gosto de pescar e ir pra roça por que lá é divertido (Depoimento de Tucano, 10 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro de 2016).

⁵ As crianças devem escolher um participante para ser a manja (pegador), que se esconde para contar até 20 enquanto os outros saem correndo. Depois de contar, a manja vai procurar os participantes que estão escondidos. Por sua vez, eles terão que tocar no local onde a manja estava contando e, sem ser pegos, devem gritar: "Furei!". Aquele que for pego será a nova manja (<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/esconder/301-manja>).

⁶ Desenha-se um retângulo no chão com 2x1 metro, desenha-se em cada ponta deste do lado interno, um pequeno retângulo e um ao meio, somando ao total cinco retângulos, no retângulo do meio colocam-se cinco tampinhas de garrafas uma sobre posta à outra. Forma-se duas equipes, cada uma ficara a uma distância de 1,5 metros do grande retângulo, uma equipe ficara com uma bola por ordem do professor ou por decisão das mesmas. Um integrante da equipe que está de posse da bola deverá acertar as tampinhas de garrafas que estão no retângulo, não conseguindo será a vez da outra equipe, a equipe que acertar as tampinhas fazendo com que estas se dispersem devera colocá-las em todos os retângulos pequenos, ao colocar a última tampinha no ultimo retângulo (o central) devera gritar gemerson, enquanto isto a outra equipe tentara acertá-la com a bola, caso acerte um integrante da equipe que derrubou as tampinhas, este será eliminado do jogo se a equipe acertar todos os integrantes sem que estes coloquem todas a tampinhas e gritem gemerson esta ganhara o jogo. (<http://www.efdeportes.com/efd181/brincando-com-as-criancassatere-mawe.htm>)

As falas dos pais também destacam a participação das crianças nos locais de trabalho e retratam isso como forma de diversão para os filhos.

Ele brinca muito de bola, corre em tudo nessa beirada [margem do rio ou lago] brincando de manja. Hoje é mais brincadeira mesmo, até na roça. Na minha época mais quando que era assim [não era permitido]. Era só trabalho mesmo. E até para brincar tinha que pedir permissão dos pais. Hoje eles fazem o que tem que fazer na escola e já vão brincar (Depoimento de Begônia, 39 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Mas gostam de brincar, jogam bola, jogam bola, e pulam n'água, brincam de manja. É muito bom para eles, são crianças né? Na roça para eles é uma diversão, tudo é motivo de risada (Depoimento de Bromélia, 37 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Além dos tipos das “brincadeiras de crianças” registradas nas falas, há sempre um ponto ou outro que se reporta aquilo que estes realizam junto aos pais. Embora as crianças destaquem inúmeras coisas, o fato de ajudarem os pais na roça ou em outras atividades, também fazem parte do universo da diversão. Além de elemento cultural, de transmitir seus conhecimentos às futuras gerações, o trabalho para os pais desta comunidade tem valor educacional.

Segundo Mendes (2009), esta filosofia contou com intensa atuação metodológica das escolas católicas, as quais consagraram na mente dos homens de várias gerações que a única forma, e o melhor caminho para a socialização das crianças, seria por via do trabalho, ignorando completamente as vias do esporte, lazer ou a educação. Este conceito ainda presente nos dias atuais e se torna difícil substituí-lo por outra ideia, especialmente quando se trata de crianças residentes em área rural, onde os pais sustentam seus filhos a partir da agricultura familiar, realizando a mesma atividade praticada por seus avós e por seus pais.

Tanto a infância dos pais como a dos filhos assemelham-se em determinados pontos, porém, segundo a fala dos pais, hoje está bem diferente do que eles viveram, isso devido ao fato de hoje terem mais liberdade para brincar, devido a obrigatoriedade de estarem matriculados na rede de ensino, coisas que na época da maioria dos pais não existia. Os depoimentos a seguir demonstram a similaridade existente entre a infância que tiveram e a que os filhos vivem hoje.

Eu trabalhava com a mamãe em juta e malva. Com 10 anos já ajudava, fazia de tudo um pouco. Brincava de lavar juta, pulava n'água, pulava corda e de bolebole⁷. Mas também trabalhava muito, plantava maniva. Em casa eu varria o terreiro. Estudei até aos 9 anos. Hoje eu ainda trabalho na roça, planto banana, maniva (árvore da mandioca). Faço farinha, beijú, carimã, tudo isso é para consumo, vender não adianta, não compensa, é melhor comer. Agora eu já lutei para que meus filhos não tivessem o mesmo futuro que o meu. Eu tenho um filho engenheiro (Depoimento de Alfazema, 50 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Minha infância foi de muito trabalho e brincadeira. Eu jogava bola, brincava de boneca. Na roça eu descascava mandioca, ajudava em casa também. Brincava mais era pouco, tinha que pedir permissão ai dava aquele horário e já ia ajudar a mamãe de novo (Depoimento de Hortência, 30 anos. São Paulo da Valéria, em 10 de dezembro, 2016).

Observa-se na fala como o diálogo e a relação entre pais e filhos eram mantidos a certa distância e, normalmente, os pais mantinham uma postura rígida e séria, pois até para brincar deveria haver permissão, coisa que hoje não existe mais, segundo os pais. Hoje, ao contrário, existe mais permissividade e dificuldade de imposição de limites, as crianças estão mais livres para escolhas. No entanto observamos também que há uma certa semelhança entre a infância que os pais tiveram e a infância que os filhos tem hoje.

As brincadeiras, a inserção da criança na agricultura, o tempo de estudar, de brincar e ajudar assemelham-se em determinados momentos, mas que se diferenciam no momento em que os pais falam da liberdade, do fato de as crianças hoje ocuparem mais tempo brincando e estudando do que ajudando os pais em casa ou na roça.

É evidente que a família continua como importante agente na socialização das crianças. Nesta fase em que estão na dependência dos pais, elas recebem toda carga perceptiva e emocional, compondo e delineando no cotidiano as subjetividades sociais e as maneiras que devem agir e estar no contexto social. Posteriormente, estas crianças começam a frequentar a escola, onde os horizontes se expandem, aumentando a carga de conhecimentos e o elenco de indivíduos a se relacionarem, abrem-se então as portas

⁷ As crianças amarram uma pedra numa linha. Lançam a linha com a pedra, que se enroscam com a linha e a pedra do colega. Quem conseguir quebrar a linha ou derrubar a pedra do outro vence. Na região Norte do país, bolebole é também o nome da brincadeira das cinco-marias ou jogo das pedrinhas. (<http://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/diversas/651-bole-bole>).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



para o mundo social. Então, a família e a escola constituem-se os dois pilares como base que irão sustentar a construção social das crianças como seres sociais (NOGUEIRA, 1998).

Ao falarem do lazer dos filhos, os pais destacam as grandes transformações nas maneiras de brincar e se divertir. Na memória dos pais, são muitas as informações das maneiras de brincar quando crianças, das brincadeiras antigas, de produzir seu brinquedo, o que para eles se diferencia das brincadeiras dos filhos, pois hoje as crianças se fascinam pelo que vêm na televisão, não mais produzindo seu próprio brinquedo, coisa que segundo os pais, era comum na sua época. É importante destacar que as crianças têm também a companhia dos pais para brincarem, isso quando possível, mesmo que seja apenas da varanda de casa observando.

A socialização faz parte de uma atividade contínua, o qual sofre constantes transformações a partir do contato diário com outras pessoas. Os pais entrevistados em São Paulo da Valéria -AM repassam conhecimentos e valores aos seus filhos, baseados nos modelos sociais impressos no seu cotidiano, a fim de interiorizarem os seus saberes e valores, tais como seus pais faziam ao ensinar-lhes a “pedir benção”, “dar bons conselhos” e a “obediência aos mais velhos”. Segundo Friedmann (2012), as crianças vivem em universos “multiculturais” recebendo a influência de diversas culturas, sendo a partir da família, através de seus pais, da comunidade na qual estão inseridas e, ainda da escola e da cultura.

Nessa perspectiva, cria-se formas totalmente diferentes de brincar em espaços distintos, as crianças vivem e revivem a história e as diferentes formas de brincar em diferentes culturas, neste caso em São Paulo da Valéria, as crianças revivem não tudo, mas parte daquilo que foi vivenciado pelos pais. É possível identificar algumas brincadeiras semelhantes entre as que os pais realizavam e as que as crianças realizam hoje. Constata-se que este processo de socialização passa pela transmissão de valores. No entanto, atualmente vêm ocorrendo significativas modificações no processo de socialização das crianças, filhas de agricultores familiares, bem como na formação cultural, em função das transformações sociais e econômicas que estas famílias vivenciam.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Ainda que haja um esforço por parte dos pais de ensinar, educar e transmitir aos filhos aquilo que vivenciaram em suas infâncias, é possível verificar um redirecionamento no ambiente lúdico no meio rural, uma vez que mesmo as crianças mantendo contato com a natureza, também mantém contato com jogos eletrônicos e televisão, que de certo modo os afastam, ainda que em parte, da realidade em que vivem. Na perspectiva de Stropasolas (2010, p. 10), a socialização das crianças no meio rural se compõe por singularidades que se constroem por meio de interações intergeracionais. A socialização no espaço rural é possibilitada pelos encontros comunitários, nos momentos de reuniões, nos esportes, nos eventos culturais, bem como “nas relações de interconhecimento, ajuda mútua e na religião”.

Em contrapartida, encontra-se de outro lado, a integração das crianças na intimidade do lar, onde interagem e se relacionam com seus familiares e com parentes, num processo de sociabilidade e aprendizagem, ocasião que são destinados a cada membro, inclusive as crianças, a definição dos papéis a serem assumidos, diante do núcleo familiar.

O espaço destinado à socialização das crianças também é o ambiente escolar, local onde as crianças se relacionam com outras e com o professor, onde também realizam brincadeiras e trocam de experiências e aprendizado. A educação dos filhos é um reflexo daquilo que seus pais aprenderam. O desejo de ‘manter’ a mesma educação recebida na infância dos filhos segue esbarrando em diferenças marcantes, as quais se contrapõem a realidade vivenciada pelos pais em suas infâncias (MARTINS, 1993).

Uma criança não pode ser considerada como um ser social em sua plenitude, pois está em fase de construção. Esta construção só se faz a partir da ‘ação de socialização’ dos adultos que a rodeiam ou naquelas instituições aonde frequentam (STROPASOLAS, 2010). É nesta dinâmica, segundo Berger e Luckmann (1973), que as crianças se apropriam, integram e interagem com o mundo social, modelando cada detalhe da sua vida, seja nos aspectos mais objetivos ou nas delicadas subjetividades, que irão compor sua identidade frente às pessoas da sociedade em que vivem.

O convívio entre os membros da família e com outras crianças, por meio de situações de brincadeiras, diálogos, reflexões sobre as experiências vividas, fazem parte



dos processos de socialização da infância dos filhos de agricultores familiares de São Paulo da Valéria-AM. É através das brincadeiras que as crianças da comunidade têm o seu primeiro contato com trabalho, acompanhando os pais na labuta diária. No início vão para brincar, e é durante esse brincar que vão aprendendo os passos do trabalho na roça.

Desta forma, realçamos a importância da valorização das brincadeiras infantis em todas as áreas. Constituindo assim, a ideia que as “Brincadeiras de áreas rurais têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza, fundindo-se dos elementos do entorno que motivam esses repertórios lúdicos.” (FRIEDMANN, 2012, p. 26) São inúmeras as atividades de faz de conta que ocorrem em meio rural. Muitas destas atividades misturam meninas e meninos, como a brincadeira de manja, de gemerson entre várias outras que não possuem espaços delimitados.

As atividades lúdicas que ocorrem em zonas rurais, geralmente são brincadeiras que envolvem brinquedos “criados e construídos com o que o próprio meio oferece: água, terra, plantas, árvores, bichos” (FRIEDMANN, 2012, p. 26). E como as crianças descreveram, a maioria das brincadeiras envolve água, árvores, e os próprios animais.

Observamos que a infância das crianças de São Paulo da Valéria e suas experiências com o trabalho caminham muito próximas. O seu primeiro contato com a roça é através da brincadeira, aonde de início vão por achar divertido, pela companhia dos demais, pela ajuda aos pais. E por mais que descrevam como brincadeira, os pais deixam claro que tudo isso é importante para as crianças, é uma forma de conhecimento, de aprendizagem, de preparação para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou, a partir dos relatos de pais e filhos e da comparação entre ambos, que tanto a infância da geração passada quanto a infância da geração atual estão intimamente ligadas com a agricultura familiar, atividade esta que faz parte da realidade de muitas famílias de comunidades rurais do Amazonas. As brincadeiras elencadas



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pelos pais e pelos filhos assemelham-se em determinados pontos, principalmente no que diz respeito às brincadeiras e sua relação com a natureza e com os cultivos agrícolas, sendo este o meio pelo qual a maioria tem o seu primeiro contato com o trabalho, que por consequência acaba sendo muito cedo, por isso alguns dizem que a sua “infância foi de muito trabalho e muita brincadeira”.

Os relatos revelaram ainda que existe uma nova forma de relação entre pais e filhos, algo que segundo eles é diferente das gerações passadas, trata-se da relação afetuosa, onde existe uma ligação maior e uma distância menor entre pai e filhos. Segundo os pais, antigamente as coisas eram mais restritas, tudo tinha um caráter de seriedade e os pais eram mais inflexíveis em determinadas situações, o que para os pais entrevistados é definido como “mais liberdade”.

Percebeu-se que a relação infância e agricultura familiar é algo muito presente nas comunidades rurais amazônicas, pois a maioria delas tem como principal meio de subsistência os cultivos agrícolas. Assim, é comum ter a presença de crianças nos locais de plantio, o que de início ocorre apenas como companhia e diversão para as crianças e que em seguida acaba fazendo parte do seu meio cotidiano e sendo inserido nesse ambiente socializador e transmissor de ensinamentos. Para os pais, ao serem levados quando crianças para o roçado o objetivo era o trabalho, o que para as crianças hoje é identificado como ensino, transmissão de conhecimentos, e não são obrigados, assim não sendo caracterizado como “algo errado”, mas sim como uma forma de educar e ensinar aos filhos os meios para lidar com a natureza.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. LUCCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade. In: A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petropolis, Editora Vozes, 1973.

FRAXE, T.J.P; PEREIRA, H.S; WITKOSKI, A.C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: EDUA, 2007.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observações, adequações e inclusão.** São Paulo: Moderna, 2012

LAMARCHE, Hugues (Org). **A agricultura familiar: comparação internacional.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

MARTINS, José de Souza (Coord.). **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993. 216 p.

MENDES, Renato. **O trabalho encarado como valor social.** In: Retratos do trabalho infantil. São Paulo: Fundação Telefônica, 2009. 89 p.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Relação família-escola: novo objeto na Sociologia da Educação.** Cadernos de psicologia e educação paidéia, v.8, n. 14/15, p. 91-103, 1998.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância.** Tradução Suzana Menescal. São Paulo: Graphia Editorial, 1999

STROPASOLAS, Valmir L. **A condição social da infância nas comunidades rurais.** Florianópolis, Relatório de pesquisa do CNPq, 2010.

WANDERLEY, M. N. B. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v.21, outubro, 2003, p.42-61.